

Isto seria um choque para Portella

O Senado Federal tem um acervo de gravuras e pinturas de grande valor. E um patrimônio cultural, comprado com o dinheiro da Nação. E uma pena que esteja tão mal cuidado. Eu faço até um apelo para que se tenha maior consideração por esta riqueza que se encontra na Casa. O que foi feito, por exemplo, das gravuras que foram substituídas por posters nos gabinetes dos senadores? E a pintura do Scliar que ele procurou há cerca de dois anos e disseram que estava emprestada à residência oficial de um diretor do Senado? O alerta é do marchand Oscar Seraphico, que entre 1971 e 72 vendeu 400 gravuras e cerca de 40 pinturas (óleo/tela) ao senador Petrônio Portella, assim que este foi eleito presidente do Senado.

No mínimo, hoje, o Senado Federal possui um acervo de gravuras no valor de Cz\$ 1,6 milhão e de pinturas avaliado em Cz\$ 12 milhões. Esta é a estimativa mínima, avaliando-se pelas obras de menor valor. Existem gravuras de Cz\$ 4 mil a Cz\$ 30 mil; as pinturas variam de Cz\$ 300 a 400 mil. Entre as obras sobre papel de menor valor se encontram as de Irene, Del Santo, Thereza Miranda, Marlene Hori, Anna Geiger, Massuo Nakakubo, Rossini Perez, Edith Behring, Anna Letycia, Marília Rodrigues e Isabel Pons (custam cerca de Cz\$ 4 mil); as de Tommie Ohtake estão avaliadas em Cz\$ 10 mil; as de Maria Bonomi (bastante danificadas) e de Fayga Ostrower valem Cz\$ 20 mil; as de Frans Krajcberg, tomadas por insetos e poeira, seriam adquiridas hoje por Cz\$ 30 mil cada.

Além das gravuras, o Senado Federal possui cerca de 40 pinturas, grandes painéis encomendados por Petrônio Portella e assinados por valiosos nomes das artes plásticas no Brasil: Scliar, Reboló, Wega Neri, Aldemir Martins, Sashiko, entre outros. Suas obras estão avaliadas entre Cz\$ 300 e 400 mil e são bastante disputadas no mercado de arte.

NOVIDADES

Antes mesmo de abrir sua galeira de artes, inaugurada em dezembro de 1973, Oscar Seraphico já era um conhecido marchand em Brasília. Através de "noites de queijos e vinhos" que realizava em sua residência ou na loja Mainline, ele induziu no Distrito Federal o hábito de se apreciar uma obra de arte e, como consequência, de se adquirir as peças que chegavam sempre como novidades na cidade com poucos anos de vida. Petrônio Portella era um dos assíduos freqüentadores destes

encontros promovidos por Seraphico.

PORTELLA

Assim que assumiu a presidência do Senado, lembra o marchand, Petrônio Portella manifestou o desejo de "enriquecer o patrimônio" da Casa com a aquisição de obras de arte. "Ele achava que todos os órgãos públicos deveriam fazer o mesmo", lembra Seraphico.

"Hoje, o Senado possui o panorama da gravura brasileira", ressalta Seraphico, "adquirido por um homem que amava a arte e achava que comprar uma obra era enriquecer o patrimônio da Casa, além de proporcionar um ambiente repousante a quem trabalhasse nos diversos gabinetes".

Ele lembra ainda que Petrônio Portella ficou chocado assim que comprou e mandou instalar de 2 a 3 gravuras em cada gabinete e viu que em pelo menos 10 elas foram substituídas por posters com fotos de paisagens do estado de origem do senador.

CHOQUE

O choque maior, segundo Seraphico, que até testemunhou as situações, foi em relação a dois casos de "má interpretação" das gravuras da série "germinação", de Thereza Miranda, e de uma obra de Marília Rodrigues. "Dois senadores, vendo estas gravuras em seus respectivos gabinetes, mandaram substituí-las por que viram ali figuras e cenas eróticas e um deles até descobriu imagens de órgãos genitais entre casulos do bicho-da-seda", diz ele.

As histórias que envolvem as obras de arte do Senado Federal se proliferaram com os anos. Se na época o senador Petrônio Portella, como lembra Oscar Seraphico, se preocupava até com a posição dos quadros na parede, realizando pessoalmente uma vistoria quase diária para ver como estava o patrimônio, hoje parece acontecer o contrário. Se houve quem não gostasse de alguma peça há 15 anos, hoje alguns gostam tanto que se dão o direito de interferir no que vêem. Marco Roberto, por exemplo, quis sair do anonimato assinando uma gravura de Rossini Perez, sobre o vidro e sobre a assinatura do artista. A prova está no gabinete 18, ocupado pelo senador Jamil Haddad.

Outros já preferem ver uma gravura de Tommie Ohtake de cabeça para baixo e acham, com naturalidade, que não faz diferença esta ou outra posição. Há ainda quem reconhece que o Senado Federal possui um rico acervo mas que os gabinetes não são locais apropriados para conservá-lo. Há sugestões, que desconhecem os propósitos de Petrônio Portella (de proporcionar uma imagem repousante ao local de trabalho) de que todas as obras sejam colocadas em local adequado, deixando as paredes dos gabinetes para os posters que fazem a propaganda das riquezas naturais de cada estado brasileiro.